

- Havighurst, H. (1954). *Aprendendo con la Experiencia*. Morata: Madrid.
- Loether, C. (1975). *Cómo hacer Proyectos Pedagógicos Participativos*. Angle Editorial: Madrid.
- Organização Mundial de Saúde [online]. Disponível em <http://www.who.int/en/> (data da consulta - 16 de Novembro de 2008).
- Parson, R. (1984). *La Educación Social como Práctica Transformadora*. Ariel: Barcelona.
- Peterson, J. (1990). *El Discurso Educativo a Favor de las Personas Mayores*. Ariel: Madrid.
- Phillipson, L. (1999). *Pedagogía Social*. Ariel: Madrid.
- Phillipson, L. (2000). *La Construcción de la Pedagogía Social*. Ariel: Madrid.
- Phillipson, L. & Cusack, E. (2003). *Educación de Adultos*. Nau Llibres: Valencia.
- Madox, L. (1970). *The Elderly and their Environment*. *Educational Gerontology*: London.
- Morrow, W. & Torres, L. (1997). *El Currículum en y para una Sociedad Democrática*. Taurus: Madrid.
- Moody, G. (1998). *Educar para el siglo XXI*. Fundesco: Madrid.
- Withnall, R. (2000). *Envejecimiento Satisfactorio I*. Editorial Médica Panamericana: Madrid.
- Withnall, R. (2002). *Envejecimiento Satisfactorio II*. Editorial Médica Panamericana: Madrid.

Title

To Grow Old with Project, the Challenge of Excellence of the Education for the Inclusion.

Abstract

To grow old with project means, today, and more and more, to grow old with knowledge. A knowledge that allows to grow old actively, promoting the capacity of individuals, while cognitive human beings, appealing, to his full participation and social inclusion, as well as, to the equitable promotion of the opportunities of access and not discrimination for the age, face to the education, job and formation.

It is before this paradigm that the concept of active ageing appears. A concept that surfaces associated to a new conception of ageing, which extending his parameters of intervention to the growing increase in value and democratization of the adult life, happens his praxis, in special, in the promotion of the education for the inclusion.

To project the life, for the time that, today, surfaces, face to the growing middle hope of life is, undoubtedly, to prepare the future, preventing, in advance, factors of risk and promoting those of protection.

A challenge for the individuals, but also for the societies and for the governments.

A challenge for the Education, in general, and for the Educative Gerontology in particular.

Key Words

Ageing, active ageing, education, lifelong learning, inclusion, old age, educative project, educative gerontology.

O Papel do Educador Social nos Centros Novas Oportunidades

•• Sofia Veiga *, Adelina Correia **

Resumo

Actualmente o mercado de trabalho é conhecido pela sua mutabilidade e exigência no que toca às certificações, certificações estas que, na maioria das vezes, são um exclusivo da educação formal. Contudo, esta nem sempre é acessível a todos quantos dela precisam. Os Centros Novas Oportunidades pretendem assegurar uma oportunidade de certificação e qualificação adequada às necessidades de cada pessoa. Estes Centros beneficiam claramente da actuação do Educador Social, não só porque ele é um profissional multi-disciplinar, mas também porque ele é um mediador, um profissional reflexivo, humana e cientificamente preparado para trabalhar com pessoas com percursos de vida pautados pelo insucesso escolar, pelo desemprego ou pelo emprego precário e, muitas vezes, pela exclusão social.

Palavras-Chave

Educação, Centros Novas Oportunidades, Educação Social.

A Educação Social é uma «plataforma agregadora de perspectivas disciplinares e de projectos de intervenção, ela estabelece a relação entre o saber próprio do universo da pedagogia (...) e a experiência da acção no terreno do trabalho social.» (Baptista & Carvalho, 2004, p. 7). Autonomiza-se em relação à prática social «pelo carácter pedagógico que determina os

* Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico do Porto. [sofiaveiga@ese.ipp.pt]

** Educadora Social. [adelinamcorreia@gmail.com]

seus modelos de actuação (...) [e] demarca-se da educação em geral, e sobretudo da educação escolar, pelo carácter não formal de uma intervenção direccionada para todas as pessoas» (idem, p. 83).

No trabalho social, uma acção educativa requer a colaboração e o envolvimento das pessoas implicadas para que as mesmas tomem consciência dos seus problemas, dificuldades, potencialidades e recursos, e despertem para a necessidade de encetarem processos de mudança psicossocial (Petrus, Romans, & Trilla, 2003).

Um Educador Social, à semelhança de outros trabalhadores sociais, está consciente de que o património pessoal, profissional, social e cultural de uma pessoa (e/ou de uma comunidade) foi construído ao longo de anos, mormente por via da educação informal e não formal, com contributos da educação formal (Canário, 1999). Contudo, continua-se a partir do pressuposto que a certificação escolar é o garante de determinadas competências, essenciais na realidade laboral (Clavel, 2004). Este pressuposto leva a que as pessoas, cada vez mais, tenham e sintam a premência de investirem na sua educação e formação, de forma a se intregarem, ou continuarem integradas, num mercado de trabalho mutável e exigente.

No nosso país, em 1999 surgiu a Agência Nacional de Educação e Formação de Adultos e com ela o sistema de Reconhecimento, Validação e Certificação de Competências (RVCC) que em 2006 deu lugar aos tão divulgados Centros Novas Oportunidades (ESDIME, 2007). Estes Centros pretendem assegurar «a todos os cidadãos maiores de 18 anos uma oportunidade de qualificação e de certificação, de nível básico ou secundário, adequada ao seu perfil e necessidades» (Gomes & Simões, 2007, p. 10), funcionando como uma porta aberta para todos aqueles que queiram investir na sua formação.

Os CNO regem-se pelo conceito de educação e formação ao longo da vida. A educação e a formação que:

- Decorreu até àquele momento, ainda que não certificada, porque não adquirida em espaços formais, mas em todos os contextos vividos pela pessoa, mas que pode vir a sê-lo por meio de um processo de RVCC;
- A pessoa procura e precisa para se sentir mais capaz e competente (ESDIME, 2007).

A formação, ao abrigo do processo de RVCC e/ou de algum curso, acontece e deve acontecer sempre que é necessária e desejada pelas pessoas, e deve respeitar os princípios da andragogia, uma vez que se trabalha com pessoas adultas. É fundamental saber reconhecer, valorizar e mobilizar as suas experiências de vida, as suas características e o seu património de competências, de modo a equacionar processos de ensino-aprendizagem significativos e potenciadores de mudanças, nomeadamente no momento de construção e redefinição de projectos pessoais, sociais e profissionais. (Leitão, 2002, p. 15).

Num CNO, a maior potencialidade e riqueza são as pessoas que estão e passam por ali, mais propriamente a vontade que têm de refletir e partilhar a sua história de vida, aprender e, deste modo, crescer em conjunto. São as pessoas, através da sua iniciativa e diversidade, que podem mobilizar e enriquecer a comunidade envolvente. Porque trabalha com pessoas, o profissional de RVC e o Técnico de Diagnóstico e Encaminhamento tem que saber ser um profissional de relação e um mediador social, uma vez que medeia diversos processos que decorrem em simultâneo, nomeadamente as expectativas, os receios e os sentimentos de incapacidade/ inferioridade, muitas vezes presentes nas pessoas que recorrem a estes centros; e as expectativas e constrangimentos da própria entidade patronal. Existe, ainda, uma responsabilidade acrescida no equilíbrio entre a influência que exerce e a alteridade do outro, assim como no saber estar implicado e distanciado (Baptista & Carvalho, 2004).

Para muitas pessoas o direito à educação e formação esteve negado até àquele momento, pois eram muitos os escolhos. A partir do momento em que a pessoa tem equivalência a um ciclo de estudos, ela pode equacionar o que fazer a seguir, dependendo a sua escolha da imagem que tem de si e da reflexão feita acerca da sua história e projecto de vida. Esta reflexão deve ser fomentada por um profissional reflexivo que implique as pessoas no seu questionamento o que, geralmente, desemboca num *empowerment* progressivo e surpreendente. A pessoa sente-se mais capaz de concretizar aquilo que quer e sonhou, até porque construiu uma relação empática e de confiança com o profissional que a acompanhou

e vai continuar a acompanhá-la por via de um plano de desenvolvimento pessoal, medida integrante de todos os CNO (Gomes & Simões, 2007).

As relações profissionais que se estabelecem permitem que o Educador Social, porque está sensível a estes princípios, trabalhe com as pessoas o valor e a importância da diferença, e das múltiplas variantes de um conceito. Isto acontece, por exemplo, com um conceito primordial que é o conceito de competência que assume várias acepções e manifestações.

Assim, vão-se abrindo "horizontes" intencionalmente. As pessoas vão sendo estimuladas a realizar "novas" aprendizagens, a partir daquelas que já possuíam e mobilizavam, o que lhes permite passar de um domínio exclusivamente "micro" para um entendimento "meso" e "macro".

O facto do Educador Social ser formado numa "plataforma agregadora de perspectivas" (psicológicas, sociológicas e pedagógicas), privilegiar a investigação-acção-participativa como metodologia de intervenção, ter em consideração as múltiplas dimensões do ser humano, e reconhecer todas as aprendizagens, em particular as da educação não formal, faz dele um profissional habilitado para desenvolver um trabalho com estas pessoas.

O trabalho educativo, partindo da realidade psicossocial da pessoa, procura adequar os procedimentos à mesma e encontrar soluções negociadas para que ela seja um sujeito activo e consciente das suas opções e decisões.

A adequação dos procedimentos não só permite que o indivíduo se sinta mais compreendido, como também minimiza as desistências/abandono por sentimentos de desenquadramento, muito presentes no passado escolar, fomentando a participação e o envolvimento real das pessoas.

O trabalho com as pessoas inscritas num CNO exige que o profissional faça uso de uma narrativa assertiva e rigorosa, mas inteligível, e que desenvolva uma boa capacidade de escuta, pois é no processo de escuta activa que se reúne o maior número de informações com as quais se pode trabalhar e que, no devido tempo, são devolvidas à pessoa para que ela as integre.

A maioria das pessoas que se inscreve no CNO espera que o processo de RVC ou um curso de educação e formação seja um meio rápido e fácil de atingir uma certificação escolar. Se, por um lado, isto contribui para a

descredibilização do trabalho dos CNO, reduzindo-os a meras entidades certificadoras, por outro lado, põe em evidência a importância das certificações escolares e a angústia de quem não as possui e delas precisa.

O cuidado com aquilo que está a ser transmitido e, eventualmente, interpretado, é essencial, porque se observa, muitas vezes, uma certa confusão entre o trabalho que é esperado e desenvolvido nestes Centros e o trabalho veiculado pelo modelo escolar. A certificação escolar com base em aprendizagens informais e não formais não é um paradigma comumente aceite e/ou reconhecido.

Pelo exposto, advogamos que o Educador Social é um profissional preparado para trabalhar num CNO, uma vez que tem uma formação multidisciplinar, que o prepara não só cientificamente mas também humanamente, habilitando-o a integrar, ler e (inter)agir naquela realidade. A sua formação dota-o, ainda, de boas capacidades para integrar e enriquecer uma equipa multidisciplinar, equipa esta fundamental num CNO.

Neste contexto de intervenção, o Educador Social tem um campo de actuação privilegiado, visto poder trabalhar com as pessoas, nas suas diversas dimensões, com um leque vasto de instituições e com a comunidade envolvente.

Por fim, é de salientar que as filosofias que norteiam a actuação e funcionamento destes Centros são concordantes com as da Educação Social. «Enquanto "porta de entrada" para todos os que procuram uma oportunidade de qualificação, a equipa e os responsáveis do Centro Novas Oportunidades devem organizar-se para responder a um público diversificado, respeitando e valorizando o perfil, as motivações e as expectativas de cada indivíduo» (Gomes & Simões, 2007, p. 11).

Referências Bibliográficas

- Baptista, I., & Carvalho, A. (2004). *Educação Social Fundamentos e Estratégias*. Porto: Porto Editora.
- Cãñário, R. (1999). *Educação de Adultos: Um Campo e Uma Problemática*. Lisboa: Educa.
- Clavel, G. (2004). *A Sociedade da Exclusão. Compreendê-la para Dela Sair*. Porto: Porto Editora.

Código deontológico para a profissão de Educador Social em Portugal (2001).

ESDIME (2007). *O Impacto da Certificação de Competências na Vida das Pessoas*. Camarate: Instituto do Emprego e Formação Profissional.

Friedmann, J. (1996). *Empowerment Uma Política de Desenvolvimento Alternativo*. Oeiras: Celta.

Giddens, A. (2004). *Sociologia*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Gomes, M., & Simões, F. (2007). *Carta de Qualidade dos Centros Novas Oportunidades*. Lisboa: Agência Nacional para a Qualificação.

Leitão, J. (2002). *Centros de Reconhecimento, Validação e Certificação de Competências: Roteiro Estruturante*. Lisboa: Agência Nacional de Educação e Formação de Adultos.

Petrus, A., Romans, M., & Trilha, J. (2003). *Profissão Educador Social*. Porto Alegre: Artmed Editora.

Pinto, J., & Silva, A. (Org.) (2003). *Metodologia das Ciências Sociais*. Porto: Afrontamento.

Netgrafia consultada:

www.anq.gov.pt, sítio consultado nos dias 03 de Março, 02 e 12 de Maio de 2008.

www.prof2000.pt, sítio consultado no dia 29 de Maio de 2008.

Title

The Social Educator's Role in New Opportunities Centers.

Abstract

Nowadays, the labour market is acknowledged by its mutability and demands concerning certification that, in most cases, is exclusive to formal education. However, this type of education not always is available to those who need it. The New Opportunities Centres intend to assure certification and qualification opportunities that are appropriate to the needs of every person. Obviously, these Centres benefit with the Social Educator intervention, not only because he/she is a multidisciplinary professional, but also since he/she is an intermediary, a reflexive professional, human and scientifically prepared to work with people who, during their lives, have been through school failure, unemployment or precarious employment and often by social exclusion.

Key Words

Education, New Opportunities Centres, social work.

O Educador Social em Contexto Escolar: A Experiência de um Projecto

.. Fátima Correia *, Sofia Veiga **

Resumo

A escola desempenha um papel fundamental na educação dos indivíduos e das sociedades. Procurando a formação integral dos seus alunos, esta instituição, as práticas que veicula, tem de (co)responder às necessidades, aos problemas, às aspirações, às características e às potencialidades dos seus actores. Para tal, são necessários agentes educativos críticos, reflexivos, com projectos dinâmicos e diversificados. É, precisamente, neste contexto que se pode falar do educador social no espaço escolar.

O educador social, ao centrar-se na complementaridade entre as actividades não formais e formais, pode ajudar a escola a criar estruturas que levem à participação activa dos seus interlocutores (alunos, professores, não docentes, famílias, comunidade). Este *empowerment* é, ainda mais, relevante se tivermos em conta a situação de jovens com dificuldades de adaptação ao contexto escolar.

Neste artigo, é relatado o testemunho de um projecto de Educação Social, desenvolvido em contexto escolar, nomeadamente, com jovens dos Cursos de Educação e Formação. Esta partilha de reflexões pretende constituir-se como um momento de reflexão para outros educadores sociais, mas, principalmente, para as escolas, porque antes de orientar para uma futura profissão, a escola precisa de orientar os seus alunos como cidadãos, conscientes, responsáveis e participativos.

Palavras-Chave

Educador Social, escola, projectos de vida, *empowerment*.

* Educadora Social

** Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico do Porto